



Redacção e administração  
R. de S. Martinho

AVEIRO

# POVO DE AVEIRO



Officina de impressão  
R. de S. Martinho, AVEIRO,

EDITOR, Manuel Homem Christo

SEMÁNARIO REPUBLICANO

Numero 261

Assignaturas

AVEIRO—Um anno, 15200 réis. Semestre, 600. Fora de Aveiro, um anno 15300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 25500. Semestre, 15500 réis (fortes).

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações

No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.

3.º Anno

PAGAMENTO ADIANTADO

NUMERO AVULSO, 30 REIS

## PALAVRAS DE JOSÉ ESTEVÃO

### Do 2.º discurso contra as irmãs da caridade:

As irmãs da caridade, seja dito de passagem, não são se não uma emanção do espirito jesuitico, e em volta d'essa congregação se juntam todas as idéas que ficaram desbaratadas e destruidas pela perseguição que se fez a essa instituição.

O que é preparar os espiritos para as provas das vocações? E' por qualquer modo ingerir-se no seio de todas as familias para as trazer ao seu intuito? *(Apoiados.)* E' segredar para o mesmo fim as senhoras sem consentimento dos maridos? *(Apoiados)* E' assim que se preparam os espiritos das filhas para desaparecerem de uma vez do seio das suas familias? *(Muitos apoiados.)* E' assim que entre familias respeitaveis se estabelece a sizanã? *(Apoiados.)* E' isto fazer roubos sacrilegios de uma alma, de uma existencia, reduzindo por tal modo o espirito e o coração, como aconteceu ha pouco com uma donzella, que estando nas aguas do Porto, proxima a passar para debaixo das ordens do director d'esta corporação, e apresentando-se-lhe sua mãe, lhe disse com os olhos no chão: «Não vos conheço!» — «Não me conheceis? disse a mãe» «Repito ainda: não vos conheço, apartae-vos de mim, pertenco a Deus e só a Deus!»

Eis ali o que é preparar o espirito para as vocações! *(Muitos apoiados.)*

Ha reacção verdadeira, real e palpavel e eu tenho medo d'ella. *(Apoiados.)* Pois então não viram as irmãs da caridade a pedir hospitaes? Não foi isto que representaram ao ministro? «Venham as irmãs da caridade, disse o ministro, venham, visto que não vem para viver em comunidade.» Vieram as irmãs da caridade e seis dias depois ou oito já estavam em comunidade, ou creio mesmo que entraram em comunidade. «Venham as irmãs da caridade, mas venham só tantas quantas o governo determinar que venham; creio que eram umas dezoito; e pouco tempo depois vieram sete vezes dezoito. Foi-lhes mandado um alvará; desobedeceram; depois uma portaria, desobedeceram; disse-se-lhes que obedecessem ao prelado, disseram que já não era possível e que estavam muito arrependidas do pouco que tinham obedecido, porque sentiam sobre si as iras do céu. Estavam dispostas, vinham prevenidas para todas as hypotheses. Depois disse-lhes: «Largae a casa.» «Não, e estamos resolidas a professar.» Portanto estão desobedecidas todos os mandados do governo, reforçados por todos os poderes do estado, estribados n'uma forte opinião, n'uma imprensa e n'um parlamento que é avesso a esta instituição... (1)

Quem nos havia de dizer que as irmãs da caridade, treze ou quatorze senhoras, esquecidas pelos odios revolucionários, escapadas aos editos das leis que destruíram aquellas congregações, e respeitadas pelo publico durante muito tempo, deviam ser o nucleo de pretensões tão exageradas, de questões tão graves como esta de que nos estamos agora occupando? Começaram tão poucas, e ha tão pouco tempo teem avolumado tanto, que já hoje são objecto exclusivo da nossa applicação e motivo de perturbação nos poderes do estado! *(Muitos apoiados.)*

Respeito a liberdade, respeito todas as liberdades, admiro-as, sigo-as e quero todas as suas consequências; mas o que não quero é que a liberdade seja por tal modo sublimada que se destine ao suicidio; *(Muitos apoiados)* e que de concessões em concessões, com principios que lhe são oppostos e adversos, ella seja levada a sancioná-lo. *(Muitos apoiados.)*

Admitto a liberdade do ensino; mas quero tambem a liberdade religiosa, não como está na carta, quero-a franca, completa e absoluta. Não é a tolerancia de todos os cultos, que não são consentaneos com a religião da maioria, não é so a tolerancia, é a igualdade do culto.

Se a doutrina do illustre deputado é que não haja culto legal, que cada um tenha a religião que quiser, eu accetto-lh'a completamente, porque para mim é um grande absurdo isto de religião da maioria. A religião é da consciencia, e na consciencia não ha maioria nem minoria.

Temos liberdade de tudo, do commercio, da imprensa, de tudo, e só não libertamos Deus! Porque Deus não é livre quando tem maioria e minoria, ou quando enumeramos as consciencias pelos methodos falsos de contar que temos admitido. Figurem Deus com maioria ou com minoria; a comparação auctoritaria muito os ministros, e Deus parece-me que, apesar da sua omnipotencia, tambem se veria gravemente embaraçado. *(Riso.)*

Mas a liberdade do ensino com um governo a superintendente-la, e esse governo pertencente a uma nação que tenha

uma religião dominante, que significa? Na illustrada concepção do illustre ministro, uma inquisição, *(Apoiados)* mas pacifica, sem oppressão, sem civic'as, mas sempre com auctoridade suprema derivada de qualquer principio, e essa liberdade é nada deante d'essa supremacia. Portanto, ou liberdade completa e absoluta, ou as restricções necessarias para que a liberdade se não perca pela força da sua generosidade.

Em 1828, creio eu, deu-se na França, pouco mais ou menos, uma situação, como esta. Havia antes muitas congregações auctorizadas e não auctorizadas, toleradas e não toleradas, e com o dominio da restauração appareceram outra vez todas; creio que se reformaram umas, que se crearam outras de novo, de maneira que os olhos do governo francez começaram por um instante a annuiar-se com a vista de tão variegadas congregações, e para lhes pôr cobro fez uma segunda edição de direito escripto estabelecido. Estabeleceu-se pois o seguinte: «Fica prohibida a introdução em França de congregações religiosas, excepto aquellas que por leis especiaes for permitido entrarem em territorio francez.» Isto já estava estabelecido, mas promulgou-se de novo.

E' o que fazem as congregações religiosas. Quando querem estabelecer as suas pretensões não proclamam doutrina nova, proclamam a doutrina já antes proclamada, e o meio de obstar a essa proclamação nova de doutrina velha é fazer promulgação nova de lei velha. Uma congregação proclama o que já proclamava ha cem annos; nós promulgamos uma lei que já promulgamos ha cem annos. O modo de obstar a que essas congregações consigam o seu fim é os poderes publicos estarem sempre alerta, e se quando falarem, falarmos nos tambem, parece-me que não chegará a estabelecer-se o vasto desenho da congregação do padre Etienne. E' este o meu desejo. *(Apoiados)*

### Do discurso sobre a Liberdade de ensino:

Dizia-se que a reacção não existia. Eu reputava que havia reacção, e nem me atrevia a pergunta-lo, porque julgava uma tal pergunta offensiva.

Que existe reacção clerical e religiosa demonstra-se até á priori. E se não ha duvida que existe, o que cumpre fazer? Moderar, regular a instituição do clero. Mas como regula-la sem a opprimir? Como tirar-lhe as vantagens de que está de posse, sem que ella faça sacrificio da sua consciencia, sacrificio dos seus direitos?

A questão é se essa entidade está em circumstancias anormais, extraordinarias.

Examinado este ponto, o que nos cumpre é dar providencias, respeitando a sempre para que não abuse da sua sagrada missão, para que não abuse tão escandalosamente como o está fazendo. *(Muitos apoiados.)*

Nas egrejas, aos fideis ajoelhados na presença de Deus, diz-se-lhes: «Levantae-vos: Deus não perdoá o vosso peccado; porque (em conformidade com as leis do paiz) comprastes bens que eram das freiras (que eram do estado e que para o estado voltaram com uma retribuição mais larga do que tinham.)»

Vão os padres ao pulpito, e fazem d'elle o index expurgatorio: «Este livro é protestante, é anti-religioso, é heretico.» Dizem elles; e, no meio de quantos absurdos lhe veem á cabeça, contrarios á dignidade e á intelligencia humana, parodiando as fogueiras da inquisição, lá se queima o livro. Como se os pensamentos se podessem queimar!

Já os padres queimam os livros no pulpito! Muito bem. Não temos ainda inquisição, mas temos o simulacro d'ella. *(Muitos apoiados.)*

A's duas, ás tres, ás quatro horas da noite, com grande indifferença das auctoridades administrativas, abrem-se os templos; entram em chusma, em confusão de sexos, homens e mulheres carregados com as mercadorias que hão de levar á praia; e fazem do templo de Deus o mercado para onde se dirigem. *(Vozes: Muito bem.)* Sóbe o padre ao pulpito, pronuncia a sua salutar pratica, e deixa no espirito dos fideis a incerteza e a duvida. *(Muitos apoiados.)*

Tradusamos agora para aqui uns trechos do magnifico discurso contra a suspensão das garantias. Se o primeiro discurso contra as irmãs da caridade é um dos mais bellos que José Estevão proferiu contra a reacção religiosa, o discurso contra a suspensão das garantias é um dos mais bellos que proferiu contra a reacção politica.

Este discurso foi proferido a 12 de agosto de 1840. Escolheu-se a data de 12 de agosto de 1889, para a

inauguração da estatua do grande tribuno em Aveiro, por ser o anniversario do celebre discurso contra a suspensão das garantias.

«Abule-se a liberdade de imprensa, estabelece-se a retro-actividade no julgamento para todos os crimes politicos, suspendem-se todas as garantias, e depois d'isto que nos fica de liberdade, que direitos nos restam? Fica apenas esta voz, que os freneticos economistas de tempo em breve suffocarão, ou com algum novo regimento, ou com a introdução da tyrannica ampulheta proscripta em uma assembléa franceza. Que nos resta, sr. presidente, depois de tantas perdas? Apenas uma ficção de liberdade, quatro ministros com o sequito da sua maioria, (é precisamente a situação da actualidade só com a differença dos ministros serem 7 em vez de 4) o absolutismo com creados parlamentares, o absolutismo arrancado do segredo dos gabinetes para o meio d'esta sala, o absolutismo discutido, sancionado e approvedo na presença de testemunhas, o absolutismo com escandalo! *(Profunda sensação na camara.)*

Mas um jornal do tempo poz em duvida os direitos da rainha á corôa portugueza: (disse o sr. ministro do reino) deixo á consideração de s. ex.ª o qualificar este procedimento de s. ex.ª, quando, chamada ao jury a folha alludida, um ministro da corôa vem aqui prevenir a sentença d'esse mesmo jury, lançando na balança das opiniões a do governo já de si pesada, e hoje pesadissima pelo accrescentado pezo das garantias e liberdades publicas, que em poucos minutos vae ter na mão. E esse jornal, a que s. ex.ª alludiu, pronunciou semelhante blasphemia? Não; suscitou um principio que eu adopto, um principio a que quero prestar solemne homenagem, porque talvez não esteja longe o tempo de o vermos desconhecido e postergado: esse jornal disse: que sua magestade a rainha nunca podia ser rainha absoluta de Portugal: tambem eu o digo, tambem deve dizê-lo a camara, se ô fiel a seus juramentos, e deve dizê-lo o governo, se é constitucional. Sr. presidente, ou os direitos de sua magestade á corôa portugueza provenham d'uma abdicção, ou d'uma revolução, ou lhe fossem transmitidos por seu paé ou dados pelo povo, esses direitos estão unidos ás liberdades escriptas nos codigos, em que o seu direito de governar está marcado. Esquecidas, roas essas liberdades, o governo, que d'ellas nasce, morre, desaparece, e o throno de sua magestade, que n'ellas se assenta, abate-se de baixo de seus pés.

Mas disse o sr. ministro do reino: o jury não condemna estas doutrinas, e se o jury não condemna, o governo é desairado, e o governo não quer soffrer desaires! E que illação se tirou d'aqui! Que não deve haver jury para a imprensa (é a situação actual, attendam os leitores) que deve suprimir-se a liberdade de escrever! Sr. presidente, nunc os principios absolutistas foram proclamados á face d'um paiz barbaro d'um modo mais rude! Para que o governo não seja desairado eia a garantia da liberdade individual, eia a garantia da propriedade, eia todo o povo portuguez, com as suas vidas, com as suas cabeças, com a sua fazenda e com a sua honra, aos pés de quatro homens, que não querem e não podem ser desairados! Sr. presidente, hoje em Constantinopla (o sr. Arroyo em 1903 fazia a mesma comparação!) não se ouve tal linguagem aos depositarios do poder.

Sr. presidente, eu reconheço que a resistencia armada é em certas occasiões, não digo um direito, mas uma obrigação. *(Suspirio.)* Se não me quereis conceder este principio, se o reputaes criminoso, ponde todos as mãos sobre o cepo, porque as mãos de todos hão de cahir junto d'elle. Se a minha doutrina é peccaminosa, todos tendes peccado, mas se o sr. ministro do reino nas suas insinuações teve o pensamento de se dirigir á minha pessoa, quero desengana-lo que se eu fosse chefe de uma conspiração, se eu entendesse que os meus deveres de honra, que as necessidades do meu paiz, exigiam que eu renunciasse a minha procuração para tomar uma arma, que eu largasse esta cadeira para ir para o campo, os meus adversarios, os chefes do poder, os srs. ministros que combatessem essa conspiração, haviam de certo vêr-me no meio dos conspiradores, e a victoria não lhes seria tão facil como a de honrem, porque desgracadamente tinha de ser mais sanguinolenta! *(Sensação.)*

Era o mesmo homem que 22 annos depois exclamava:

«O governo pessoal é um mal, um grande mal, e o abuso do rei é um grande abuso.»

Que diria elle hoje, se vivesse!

(1) Como se vê, os jesuitas já n'esse tempo faziam o que queriam, apesar da imprensa, do parlamento, da opinião publica. Quanto mais hoje! Attendam todos os liberais, que vale a pena. Reparem bem que a questão é de deixa-los deitar a cabeça de fora. Deitam logo o corpo todo, e entram de tropel e á força.

# MANIFESTAÇÃO CLERICAL

Affronta aos liberaes de todo o paiz e, especialmente, aos liberaes de Aveiro

## A IMMACULADA CONCEIÇÃO

Os jesuitas, diz Huber, (*Les Jesuites*, tom. II, pags. 130) mostraram-se sempre infatigaveis na invenção de novas confrarias, procissões, peregrinações, festas proprias para impressionar da maneira mais grosseira a imaginação do povo. Não houve charlatanismo religioso que lhes ficasse extranho. *As suas procissões são verdadeiras representações theatraes.*

Assim se exprime o sábio escriptor allemão.

A Igreja, diz Taxile Delord, (*Histoire du Second Empire*, tom. IV, pags. 456) proclamando o dogma da Immaculada Conceição para dar uma idéa da sua força, parecia querer de certo modo substituir o culto da Mãe do Salvador ao culto do Divino Pae. A Virgem mudava de physionomia. Já não era a Virgem austera da idade média, nem a madona sorridente da Renascença, mas a Rainha do céu e da terra, cujo braço, feito para empunhar o sceptro, abandonava Jesus a São José, que dava em scena um passo para a frente, ficando o Pae e o Filho como que eclipsados em segundo plano. Os jornaes annunciavam todas as manhãs a erecção de alguma nova estatua da Virgem; cada cidade, cada aldeia, tinha a sua. Só a Virgem fazia milagres. A Igreja, substituindo o culto de uma mulher ao culto de um homem, parecia confirmar que o homem lhe escapava, e que era para a mulher, e sobre a mulher, que ella queria reinar.

Assim se exprime o illustre escriptor francez.

E' curiosa esta observação de que a Igreja, reconhecendo que o homem se escapava, começou a empregar a mulher como o seu ultimo recurso, como o seu melhor instrumento de especulações e de mentiras. Curiosa e exacta. O homem emancipava-se. O homem liberta-se. A mulher ficava,—a pobre victima!—a mulher fica escrava, a mulher augmenta a sua escravidão.

A pobre victima! Ella, que tanto necessitava de sacudir as cadeias seculares que a opprimem!

A Igreja muda de culto, prefere a Virgem ao Divino para melhor impressionar, seduzir, arrastar, o espirito fraco da mulher. Tremendissima especulação!

O dogma da *Immaculada* é, pois, um symbolo. Symbolo do despotismo papal, das aspirações de Roma ao dominio absoluto da consciencia humana.

E' elle que marca o inicio d'uma série de attentados sem nome. Em 8 de dezembro de 1864 é publicado o *Syllabus*! Em 8 de dezembro de 1869 reune-se em Roma o concilio que decreta a *Infallibilidade* do papa! O dia oito de dezembro fica sendo o dia consagrado ao desprezo do homem, ao escarneo da intelligencia, á tyrannia da razão.

Não vêem isto os liberaes? Não vêem isto os republicanos, os simplorios que permanecem de braços cruzados deante da propaganda, cada vez mais insistente, mais audaciosa, mais perigosa, da clericalha insolente?

Simplorios! Mixto d'ignorancia e de ingenuidade!

Foram elles que, em 1846, saudaram Mastai como uma esperança. Foram elles que, no dia immediato ao da revolução de fevereiro, acclamaram em França o evangelho, procurando de novo, segunda vez, sem lhes ter valido de nada a lição tremenda da primeira republica, a alliança entre a democracia e a Igreja. E confiavam em Pio IX para a realizar! Infeliz, desgraçada, eterna ingenuidade!

De resto, os padres alimentaram então, como alimentaram hontem no pontificado de Leão XIII, como alimentam amanhã, como alimentarão sempre que lhes convenha, essa esperança illusoria. D'um extremo ao outro da França receberam com acclamações o regimen revolucionario. A Republica, exclamavam os prelados, foi proclamada por Christo do alto do Golgotha. Liberdade, Igualdade, Fraternidade, essas palavras sublimes, dizia o bispo de Langres, foi unicamente o christianismo que as introduziu no mundo.

Por toda a parte os parochos e os frades abençoavam a *arvore da liberdade*.

Para quê? Para se apoderarem da praça á sombra da confiança imbecil do inimigo.

A decantada politica de Leão XIII, politica de falsas conciliações com os republicanos, tinha sido a politica do seu antecessor, de Pio IX, nos primeiros annos do seu pontificado. Parece que a este respeito ha uma ignorancia absoluta!

Tambem Pio IX recebeu a segunda republica franceza com fingida benevolencia. Tambem elle aconselhou os bispos a que se declarassem republicanos. Nunca, no tempo de Leão XIII, e durante a terceira republica, houve tanto padre *republicano* como na segunda republica, sob o pontificado do famoso Pio IX.

A Igreja só emprega a arma da violencia quando já não lhe dá resultados a arma da *manha*, da mentira, da hypocrisia. O padre faz-se liberal para mais facilmente atraiçoar a liberdade. Já nem ha excepções. Não as póde haver. Porque o padre é um escravo de Roma. Não tem pensamento. Não tem vontade propria. Pensa e procede como lhe mandam,

A democracia é profundamente incompativel com a Igreja. Ou deixará de ser democracia. A Igreja não teria duvida nenhuma em aceitar o regimen republicano, se a republica podesse ser uma theocracia.

Quando o bispo, o padre, o devoto, se faz republicano, é na esperança de converter a Republica n'uma succursal de Roma. Ou afoga-a!

Não ha conciliações. Não ha meios termos. E o republicano, que não comprehenda esta verdade, é simplesmente um ignorante, ou um imbecil.

O maior perigo que corre a liberdade é quando Roma transige com a causa liberal. E' uma emboscada. Prepara-se a traição.

Mastai, em quem os patriotas italianos confiavam cegamente, ludibria como papa a causa da independencia nacional. Exasperados com o logro, os patriotas assassinam o secretario da curia e proclamam a republica de Roma. Em 15 de novembro de 1848. Então, uma reviravolta subita se faz em França. Chegara o momento de se executar a traição. Os mesmos padres, que abençoavam a *arvore da liberdade*, os mesmos bispos, que diziam que a *republica tinha sido proclamada por Christo do alto do Golgotha*, os mesmos devotos, que affirmavam que as palavras *Liberdade, Igualdade, Fraternidade*, eram palavras sublimes, ensinadas pelo christianismo ao mundo, esses todos que se tinham apoderado da cidadella á custa da confiança parva dos republicanos, votavam á carga cerrada em Luiz Napoleão para presidente da republica. Em 10 de dezembro de 1848, ou menos de um mez depois da morte de Rossi, da fuga de Pio IX para Gaeta, da proclamação da republica de Roma. E viu-se então este facto singular: um exercito republicano marchando de França contra a republica romana! A restabelecer o papa! A destruir a liberdade! A afogar em sangue as legitimas aspirações d'um povo que luctava pela sua redempção!

Era o resultado da ingenuidade lorpa dos republicanos francezes. Quanto póde a imbecilidade humana!

Debalde alguns protestaram. Debalde Ledru-Rollin tentou um movimento insurreccional. Foi vencido, tendo de procurar na fuga a salvação. Já não era tempo. Quem dorme, dorme-lhe a fazenda. Accordavam todos tarde e a más horas.

Pio IX arrancou a mascara. Com elle se desmascararam os clericos francezes. A republica foi condemnada á morte. Seguiu-se o odioso attentado do *dois de dezembro*. Os que abençoavam a *arvore da liberdade* entoaram *Te-Deum*, em toda a França, a favor do golpe d'estado. E o primeiro acto de força, o primeiro grande attentado do *liberal* Pio IX, a primeira imposição decidida, violenta, da formidavel reacção que se operava em Roma, do tremendo despotismo que se encarnou na pessoa do antigo cardeal Mastai, foi, precisamente, a proclamação d'esse dogma que se vae solemnizando, em todo o Portugal, por entre a maior indifferença de liberaes monarchicos e de liberaes republicanos.

Dos liberaes monarchicos, vá. Mas dos liberaes republicanos...

Quando terminará, quando terminará a imbecilidade humana!

## CONVITE

São convidados todos os liberaes de Aveiro a assistir á conferencia democratica que se realiza hoje no nosso theatro, ás 9 horas da noite, sendo conferente o sr. dr. Antonio Luiz Gomes, orador dos mais eloquentes, illustração das mais consagradas, membro prestigioso da commissão executiva do partido republicano do Porto.

A entrada é publica.

## Manifestação Liberal

Não descançam os promotores da projectada homenagem á memoria do grande orador José Estevão Coelho de Magalhães.

Os preparativos decorrem no meio do maior enthusiasmo. No Porto—diz «O Norte»—prepara-se um comboio expresso para trazer a Aveiro, no dia 14, os liberaes da mais energica e patriótica cidade de Portugal. De Coimbra, Lisboa, e outros pontos do paiz, virão tambem aqui numerosos liberaes. A commissão municipal republicana do Porto far-se-ha representar nu-

merosamente, e bem assim a *Associação do Registo Civil* da mesma cidade. Consta-nos que tambem será numerosa a delegação da *Maçonaria*.

Muitos jornaes enviarão aqui representantes.

Entre os mais notaveis oradores, que tomarão parte na manifestação, conta-se o sr. dr. Alexandre Braga, consagrado em todo o paiz como um grande orador, orador de raça, herdeiro do grande talento e brilhantissimas tradições de Alexandre Braga, seu pae, e de Guilherme Braga, seu tio.

E' a primeira vez que os habitantes d'Aveiro ouvem a palavra eloquentissima do notavel orador.

Outros oradores se esperam, dos mais notaveis tambem do paiz, já conhecidos e queridos do publico d'Aveiro, como Magalhães Lima, Manuel d'Arriaga, Affonso Costa, etc.

Brilhantissimos escriptores, jornalistas, professores, advogados, publicistas dos mais qualificados, honrarão com a sua presença, e alguns com a sua palavra, o levantamento do protesto contra os manejos reaccionarios. Entre elles já se podem contar como certos dr. Duarte Leite, Bazilio Telles, dr. João de Menezes, dr. Joaquim Martins Teixeira de Carvalho, dr. Fernandes Costa, dr. Antonio Luiz Gomes.

Esperam-se, porém, ainda, muitas adhesões, de que daremos conta, com outras notas de informação, em supplemento no *Povo de Aveiro*.

Será em tudo uma homenagem digna da cidade e da causa liberal que ella n'este instante representa.

## CONTRA A TUBERCULOSE

Devido ao obsequio d'um estimado e apreciado amigo, lêmos no n.º 4 do *Porto Medico*, revista mensal de medicina, um artigo digno de registo, escripto pelo sr. dr. Alfredo de Magalhães, lente da Escola Medico-Cirurgica do Porto.

O artigo é resposta a outros do sr. dr. Miguel Bombarda, publicados na *Medicina Contemporanea*, o qual, por sua vez, criticava outros, que não lêmos, publicados em numeros anteriores do *Porto Medico*. Extranho, pois, á polemica, como é de vêr, polemica em que por motivo nenhum poderíamos entrar, nem para ella, é claro tambem, teríamos competencia scientifica, só queremos tomar nota da parte *social* do artigo, por assim dizer, porque essa interessa a todos os homens que tomam a peito o bem do paiz, a melhora de condições d'este pobre povo, tão abandonado á sua ignorancia e á sua miseria.

Ahi, não é só uma questão de curiosidade que nos impelle. E' um dever. E' tempo do jornalista portuguez pensar em mais alguma coisa do que nas intrigas do Terreiro do Paço e nas facadas da Mouraria. E' preciso reagir contra esse gosto depravado do publico, que prefere a todas as leituras a de crimes e escandalos. Se o mal é do publico e não é do jornalista.

Mas voltemos ao artigo.

Trata-se do 3.º congresso contra a tuberculose, realiado em Coimbra. Ao que deprehendemos, o sr. dr. Alfredo de Magalhães não concordou com o optimismo dos collegas, «que julgam trilhar o caminho mais recto e mais seguro alvejando com persistencia quasi que exclusiva a destruição do temeroso microbio.» Foi isto que deu logar aos artigos da *Medicina Contemporanea*, aos quaes responde o professor da Escola Medica do Porto, accentuando que não basta dar conselhos ao povo, conselhos inuteis, que elle dispensa muito bem, que elle despreza, de que elle se ri, se o não pozerem em condições de os applicar.

Ora eis a verdadeira doutrina, que póde ser tratada por um medico, como póde ser tratada por um jornalista, que fica bem n'uma revista scientifica, como fica bem n'um jornal. Doutrina que ha muito tempo desperta as nossas attentões e attrahe as nossas sympathias. Aqui temos nós dicto o mesmo muita vez. Ainda nas *Cartas d'Algueres*, publicadas por este semanario faz agora precisamente um anno, no mez de agosto de 1903, se combatia essa irrisão de se proclamar, d'um extremo ao outro do paiz, a guerra á tuberculose, ao mesmo tempo que as condições da vida se aggravavam, dia a dia, d'uma forma pavorosa.

Manifesta irrisão!

Que importa convidar o povo a comer bem, termos que o sr. dr. Alfredo de Magalhães emprega no seu artigo, a *beber melhor, a viver confortadamente em habitações modernas cheias de sol e de saude*, se elle não tem recursos para isso?

Quem escreve estas linhas assistiu a algumas das sessões d'esse Congresso de Coimbra. E confessamos que sahimos de lá um pouco mais desilludido e mais triste do que tinhamos entrado.

Vimos sábios como o sr. dr. Daniel de Mattos—já n'outro dia o escrevemos aqui—falar com o mais absoluto desdem da politica. Vimos outros combater abusos e crimes de que eram os proprios auctores, ou em que tinham collaborado, facto que o sr. dr. Alfredo de Magalhães muito dignamente regista e censura. E vimos outros vociferar e gritar como os mais infimos *meetingueiros*.

Ficámos com a impressão de que na douta assembléa não abundava a sciencia, nem a consciencia. Não abundava. Que havia lá homens de verdadeiro valor moral e intellectual, escusado é accrescenta-lo. Quizemos dizer isto desde logo. Tivemos medo, apesar de não sermos demasiadamente medroso. Recceámos que nos lapidassem como pedante.

Felizmente, se o não diz com tanta clareza, o sr. dr. Alfredo de Magalhães, que é homem da classe, que foi congressista, e que tem auctoridade científica, deixa-o perceber muito bem.

Eis porque achamos digno de registo e applauso o artigo do *Porto Medico*.

Não ha cura para a tuberculose, nem meio sério de a atalhar, emquanto não houver cura para a nossa grave, gravissima doença social. Antes de combater o microbio da tuberculose é preciso combater o microbio que mina o organismo da sociedade portugueza. O medico ha-de ser um politico, antes de ser um mero profissional. Mas um politico honrado, procurando sinceramente o bem publico, pondo a justiça e a verdade acima de miseraveis interesses de facção.

Sem isto, é continuarmos neste jogo de cabra cega que nos torna ridiculos e torpes aos olhos do mundo civilisado.

## TRANSCRIPÇÕES

O Debate transcreveu o nosso artigo *O Pão*, as duas ultimas *Cartas d'Algueres*, e o artigo sobre a *Immaculada Conceição*. O Norte transcreveu a ultima parte d'este artigo. O Mundo transcreveu parte do nosso artigo *A's armas contra a reacção*. E a *Resistencia* tem continuado a transcrever os nossos artigos *A Reacção Clerical*, tendo transcripto tambem o nosso ultimo artigo sobre *Analphabetismo no Exercito*.

Agradecemos aos collegas a distincção que nos concedem.

## Conferencias Democraticas

Realisa-se hoje, como dizemos n'outro local, a 1.<sup>a</sup> das conferencias democraticas que temos annunciadas, sendo conferente um dos homens mais notaveis da moderna geração portugueza.

Lamentamos profundamente que o theatro não possa conter toda a população de Aveiro, cujos sentimentos liberaes ninguem desconhece, e que teria occasião de ouvir uma brilhante oração.

Infelizmente não ha em Aveiro local mais amplo do que o theatro.

Na proxima quinta-feira, ás 9 horas da noite tambem, e ainda no theatro, realisa nova conferencia o sr. Padua Correia, brilhante redactor da *Voz Publica*. E no sabado o sr. dr. João de Menezes, illustre director do *Debate*.

As conferencias continuarão depois da grande homenagem do dia 14, estando já inscriptos o sr. dr. Bernardino Machado, que virá a esta cidade n'um dos primeiros dias de setembro, e o nosso prezadissimo e talentoso collega da *Resistencia* dr. Joaquim Martins Teixeira de Carvalho, que discursará sobre o thema *O Ensino religioso e a democracia portugueza*. O dia d'esta conferencia será opportunamente annunciada.

## Falta d'espaco

A absoluta falta d'espaco, que já nos obrigou a retirar no ultimo numero todos os annunciados, sem que podesse ter sahido, ainda assim, o nosso artigo sobre *Analphabetismo no Exercito*, obriga-nos ainda hoje a retirar este artigo e bem assim o que já estava composto sobre *Trigos* continuacão d'este importante assumpto.

Não falta original, louvado seja Deus! Assim houvesse dinheiro e saúde.

## Praça de touros

### da Figueira da Foz

É no proximo dia 15 do corrente, ás 4 e meia horas da tarde, que tem lugar a 2.<sup>a</sup> tourada da epocha, no vasto recinto do Colyseu Figueirense, onde serão lidados 10 bravissimos touros, pertencentes á famosa ganadeira do ex.<sup>mo</sup> sr. M. dos Santos Correia Branco, de Coruche.

Toma parte n'esta corrida o notavel matador de touros, Castor Ivarra, «Cocherito de Bilbao» ajudado pelo o seu bandarilheiro Cayetano Hernandez, «El Cayetaito». São cavalleiros os festejados artistas, Simões Serra e Eduardo Macedo que pela primeira vez toureira na Figueira; bandarilheiros, Theodoros Gonçalves, Jorge Cadete, Francisco Saldanha, Thomaz da Rocha e J. Costa.

## Cartas d'Algueres

5 DE AGOSTO.

Todas as classes são profundamente egoistas, escrevia eu na ultima carta, todas são pouco escrupulosas, e é esse o grande mal.

Enriquecer, enriquecer, eis o que se pretende. Seja como fór e á custa de quem fór.

Quando se constituiu a *Companhia de Panificação Lisbonense* os administradores só seriam remunerados se o dividendo dos accionistas fosse, pelo menos, de 6 por cento. Neste caso a remuneração seria unicamente de 10 por cento dos lucros líquidos. No fim de seis meses tudo mudou. Aquella grande abnegação foi d'entrada, só d'entrada, para não assustar os pacovios. Hoje os srs. administradores recebem 7 por cento dos lucros líquidos da companhia, seja qual fór o dividendo a distribuir pelos socios. Imaginem! Mas se não houver dividendo, que percam os socios, que elles não. Em todas as circumstancias, cada administrador recebe 100\$000 réis mensaes, livres de qualquer encargo. No fim do anno não ha dividendo nenhum? Os 100\$000 réis lá ficam. Ha dividendo que permita que os srs. administradores recolham duzentos, trezentos, quatrocentos mil réis, ou mais, cada me? Quatrocentos mil réis irão para a algibeira dos srs. administradores. Imaginem! Imaginem!

No ultimo exercicio parece que receberam mais de tres contos de rs. cada um.

Para padeiro é bem bom, não acham?

E ainda querem a municipalisação dos serviços publicos. Olhem para isso! Vejam os padeiros arvorados já em directores geraes. Com a respectiva carta de conselho, é claro. Assim que se apanharam em Companhia tomaram logo todos os vicios e todos os habitos dos burocratas. São os excellentissimos conselheiros directores geraes com ordenados de ministros da Russia. Não sabemos ao certo quanto ganha um ministro na Russia. Mas calculamos que deva ganhar um dinheirão.

Pois os nossos padeiros não lhes ficam a dever nada. Tres contos de réis e pico. Por ora, que os lucros são mesquinhos. Amanhã ganharão seis contos, ou nove contos de réis cada um.

Já não diremos: para padeiro é bem bom. Diremos: para padeiro é forte!

Por enquanto são cinco administradores. Mas podem ser sete. E podem ser nove. E quando forem 7 ou 9 a percentagem de remuneração será elevada de 7 a 9 por cento. Não vendo. Supponhamos que cada um recebe então cinco contos de réis, e para isto não é preciso que os lucros sejam de espantar. Leva a companhia um rombo de quarenta e cinco contos de réis annuaes.

E que tal?

Tudo porque os srs. administradores se não quizeram limitar, além dos seus lucros como grandes accionistas, á modesta remuneração de 100\$000 réis por mez, que é mais do que ganha um coronel de infantaria ou de cavallaria no exercito portuguez.

Eis o que perde tudo entre nós.

Os monopolios tem muitos inconvenientes. Um d'elles é esse: fica uma duzia ponds e dispondo autocraticamente. Amanhã a duzia da *Companhia de Panificação Lisbonense*, que se elege a si propria quando queira, e para isso lá tem milhares d'acções ás ordens, renne-se á duzia da *Companhia Portuguesa de Panificação*, porque as duas companhias estão juntas não tarda nada. As duas duzias, as tres duzias, se forem tres em vez de duas, entendem-se ás mil maravilhas. Fazem-se rotativos, como na politica, e rotativos com accordo permanente, como na politica tambem. E o resto dos accionistas ficam a comer o que elles magnanimamente lhes derem. Como o Zé povinho em relação aos salvadores da patria.

São os processos politicos e burocraticos adaptados á vida inteira da nação. E isso que nos perde.

Na constituição d'essa *Companhia de Panificação Lisbonense* fizeram-se coisas de trezentos diabos. Um sujeito tinha sociedade com outro n'uma casa. Era influente. Dizia ao socio: a casa vale vinte contos. Eu metto-a por trinta. Mas você só recebe acções no valor de doze contos. Se o socio tinha juizo, calava-se, e aceitava, agradecendo por cima. Se não tinha, recalcitava, e a casa entrava pelo valor exacto dos vinte contos. Mas o outro não ficava sem desforra. Reservava-a para uma casa exclusivamente sua, ou em que tivesse sociedade com outro socio tambem influente. Essa entrava então por quarenta ou cincoenta contos, se valia dez.

Houve casas com lucros líquidos de oito centos mil réis, por exemplo, que entraram na sociedade com o valor de vinte e quatro contos. Outras, que nunca dêram um real de lucro, que dêram sempre perda, entraram por 38 contos. Isto é uma proporção exacta, embora os termos não sejam verdadeiros. Em vez de 24 e 38 contos, pôde ser 26 e 40, supponhamos, que o resultado é sempre o mesmo.

De resto, o valor das casas é facil de verificar nos jornaes da epocha. Nós tivemos, por exemplo, a curiosidade de guardar um numero da *União*, onde isso vem.

Para levarem os padeiros pobres a render-se ao monopólio, entenderam-se os padeiros ricos com os moageiros a fim d'estes retirarem áquelles os descontos nas farinhas. Chegou o abuso a pon-

to de padeiros ricos, que eram socios de padeiros pobres, fingirem que se resignavam a ficar sem desconto, para o irem receber depois dos moageiros, ás escondidas, arrecadando-o por inteiro sem darem troco aos socios. Pessoas da maior seriedade e honradez, é claro, que chamariam ladrão a um pobre diabo que não lhes podesse pagar uma conta em atraso de trezentos ou quatrocentos mil rs. Sem contar com dividas premeditadas, e propositadas, aos moageiros, pagas depois em acções de 75 por cento, dividas que só podiam contrahir os que estavam no segredo dos deuses. E outros expedientes varios.

Assim se fizeram fortunas de um dia para o outro.

Ora o mal é esse. Mal, agora ahi, sobretudo, do pequeno industrial. Para o consumidor subsiste o perigo do monopólio se tornar um potentado que se impoza aos governos. Perigo gravissimo. Nesta terra todos os potentados fazem o que querem. No Porto até já figuram politicos dominantes entre os socios da projectada *Companhia de Panificação*. Um abuso e uma vergonha. Mas sem esse perigo, o consumidor teria tudo a ganhar e nada a perder. E bem assim o pequeno industrial, com mais seriedade e escrupulo. Com mais honradez. Neste paiz todo o mundo enche a bocca com honra e quasi ninguem a tem. A honra, para o burguez, está só em não pregar calotes, ou em não metter descaradamente a mão no bolso do transeunte. E por isso que eu fico sempre desconfiado quando ouço chamar honrado a um homem, e com uma expectativa benevolente por aquelle ao qual ouço chamar tratante. Nesta sociedade corrupta, um homem honrado é, geralmente, um accommodaticio ou um cumplice. Um tratante, na maioria dos casos, é apenas um irrequieto, um revoltado, um infeliz ou um pateta. Profundando a coisa descubra-se, quasi sempre, que os mais tratantes, e ás vezes os unicos tratantes, são, precisamente, os que o burguez proclama homens honrados. O burguez e a turba. Os influentes é que fazem a opinião.

Não ha homem nenhum que roube com geito e deixo roubar que não seja honrado. Um finório é sempre um homem honrado. Não ha homem nenhum que grite contra os abusos e os roubos que não seja um tratante. Isto na opinião da maioria, é claro. Mas é esse o criterio geral.

A industria de panificação, como a industria de moagem, tem atravessado uma grave crise. Como ninguem dá remedio ao seu mal, os industriaes procuraram-nos por si. Como? Juntando-se. Já o fizeram os padeiros de Lisboa e tentam-no os padeiros do Porto. E como tem o limite do numero das padarias, esse meio seria effizaz, se fosse seriamente applicado. Mas não é. Seriamente applicado, ganhava o grande industrial, ganhava o pequeno e ganhava o consumidor. Applicado sem seriedade, sem honradez, sem escrupulo, torna-se um instrumento de ganancia feroz, de torpe exploração de meia duzia. Essa meia duzia enriquece espantosamente. Os outros ficam como estavam, ou peor. Pelo menos não passam da cepa torta.

Era já esse o segredo do trust das fabricas de moagem, que estão, aliás, para se juntarem, em peores condições do que as padarias, porque não tem lei que lhes limita o numero. O segredo, ou um dos segredos dos promotores do trust, era a exploração das pequenas fabricas, esmagadas n'uma concorrência de desleal. Ahi, como nas companhias de panificação, o grande arranjo seria para meia duzia, exclusivamente. Assumpto de que trataremos n'outro dia, se tivermos paciencia para isso. Se a maioria do publico não lê coisas sérias, para que nos havemos de cançar?

Hoje fica isto assente: o nosso grande mal é o espirito de ganancia, é a falta de escrupulos, é a falta de seriedade. Espirito de ganancia, falta de escrupulos, falta de seriedade que não se encontra só nos moageiros e nos padeiros. Encontra-se nos lavradores—agora de moda dos idiotas que escrevem nos jornaes fazer a apothese do lavrador—encontra-se em todas as classes, e, como regra, em todos os individuos.

A primeira grande campanha a fazer, a que sobreleva a todas, é a da reforma dos costumes. Infelizmente a imprensa não a faz, nem, geralmente, a sabe fazer.

A. B.

## Casamento civil

Matrimoniaram-se civilmente, na ultima segunda-feira, em Aveiro, o sr. Eduardo da Costa Santos Cardoso e a sr.<sup>a</sup> D. Maria Rosa de Jesus Cunha. Foram testemunhas os srs. Eduardo d'Oliveira Barboza e Sebastião Gomes de Magalhães.

Assistiram ao acto varios cavalleiros e uma senhora, irmã da noiva.

Le monde marche...

## Musica no jardim

O programma que a banda do 24 executa hoje, das 7 ás 9 da noite, no jardim publico, é o seguinte:

Ordinario. «Ruiz Blaz», fantasia da opera, (Marchetti). «Ronde Fantastique», (Bury). «Gioconda», selection da opera, (Bonchelli). «Fedor», selection da opera, (Giordani). «Les Fleurs», suite de walsas, (Waldteufel). Ordinario.

## JOSÉ ESTEVÃO

Aveiro só pôde mostrar a sua veneração por José Estevão acatando as suas doutrinas, seguindo os seus principios, ou continuando a sua obra.

Sobretudo, continuando a sua obra. O pensamento não pára. A evolução não se detem.

José Estevão foi monarchico, como foi monarchico Latino Coelho, Souza Brandão, Gilberto Rola, Oliveira Marreca, Elias Garcia, Bernardino Pinheiro e outros, que foram homens do seu tempo. Como foi monarchico Rodrigues de Freitas e Bernardino Machado. Se vivesse, teria sido fatalmente republicano, como republicano veio a ser Latino Coelho, ex-ministro de estado, Souza Brandão, Gilberto Rola, Oliveira Marreca, Elias Garcia, Bernardino Pinheiro, e tantos outros. Como veio a ser Rodrigues de Freitas, como veio a ser Bernardino Machado, ex-ministro de estado tambem.

Seria José Estevão menos liberal do que qualquer d'estes? Não. Seria menos sincero? Não. Seria menos honesto? Não. Ora José Estevão, com os seus precedentes, só poderia deixar de seguir o caminho, que esses homens vieram a seguir, sendo um farçante. Nós não o podemos admittir como tal, nem consentimos, sem protesto, que algum o admitta.

Todo aquelle que tentar encobrir a sua cumplicidade com o regimen, na allegação de que José Estevão foi monarchico, é um torpe especulador. Seja elle quem fór. Não é uma affirmacção gratuita. É uma affirmacção fundada na logica, na hermeneutica, no estudo leal e nobre d'um grande character. Só um torpe, um cynico, um bandoleiro, por mais honrada etiqueta com que se cubra, poderá concluir que o homem que gastou a sua vida a defender a liberdade, a combater sem tréguas os excessos do poder, os abusos, os attentados ao direito e ás franquias populares, o homem que foi coerente n'essa attitude e n'esses principios até ao seu ultimo suspiro, o homem que no derradeiro discurso, proferido na camera sobre a *liberdade de ensino*, ainda exclamava: **o governo pessoal é um mal, um grande mal e o abuso do rei é um grande abuso**, seria hoje sustentaculo e apoio d'isso que ahi está! Seria collaborador de Hintze Ribeiro, comparsa de José Luciano ou protector de João Franco.

O homem que tinha ligadas ao seu nome as tradições revolucionarias mais brilhantes e honradas. O homem que, como todos os grandes espiritos, punha acima de tudo a honra dos seus principios, a nobreza da sua conducta, emfim, a gloria do seu nome.

Só um torpe. Só um ente mesquinho, que não comprehend a grandeza moral e intellectual da nossa especie.

José Estevão era monarchico, batendo-se contra a monarchia. Era religioso, proclamando que a religião era da consciencia. Era catholicico, cahindo a fundo sobre o catholicismo, defendendo a *liberdade de cultos*, gritando que era um grande absurdo a *religião da maioria*. Incoherente? Não. Um homem do seu tempo. Caminhando com as ideias do seu tempo. Procurando a soluçao, procurada n'essa epocha em toda a Europa, dentro d'uma monarchia, monarchia impossivel nos povos catholicos, rasgadamente liberal, accentuadamente democratica. O mesmo tempo, se vivesse, lhe traria melhores ideias, mais completas, mais perfeitas, exercendo sobre elle a acção que exerce sobre todos os homens, quando elles proctram consciencamente a verdade, quando elles aspiram sinceramente á liberdade e á justiça.

O tempo lhe traria o desengano, que trouxe a todos esses que citamos.

Nós somos, pois, os continuadores da sua obra. Nós, os republicanos.

Somos nós, continuando-a, que

estamos dentro da logica, dentro da verdade, verdade imposta pela corrente dos factos, pela corrente das ideias. Verdade incontestavel, e, honradamente, incontestada. Só a contestaríamos a tolo ou um biltre.

Nós somos o seguimento natural da evolução democratica, que José Estevão synthetizou na sua epocha.

Por isso temos o direito, prevenindo os reparos feitos ingenuamente por alguém, ou as objecções de má fé adduzidas por algum quadrilheiro, por isso temos o direito, repetimos, de dizer bem alto que os aveirenses, dignos d'este nome, só podem mostrar a sua veneração por José Estevão acatando as suas doutrinas, seguindo os seus principios, continuando a sua obra.

José Estevão não é um fetiche, nem um santo, nem um idolo. Não é um titulo nobliarchico. Não é uma pergaminho. É a synthese d'uma ideia. É a affirmacção d'um principio.

Só por esse modo o podemos honrar, honrando-nos a nós proprios.

Honremos, pois, o nome de José Estevão, honremos o nome de Aveiro, honremos as gloriosas tradições d'esta cidade, affirmando a nossa opposição a todas as especulações politicas, a todos os desmandos do poder, a todos os manejos reaccionarios.

Amemos a liberdade.

Pugnemos pelos grandes principios democraticos, os principios de regeneração popular, de redempção humana.

Seja o nosso grito:

Viva a liberdade!

Abaixo a reacção!

## Veja-se a 4.ª pagina.

## Fallecimento

Falleceu em Coimbra, uma menina de 6 mezes, estremecida filha do nosso amigo, sr. Augusto Reis, habil desenhador das obras publicas d'aquella cidade.

Enviamos-lhe sentidos pezames.

## A nossa cartela

Partiu para uso das aguas de Pedras Salgadas, o sr. Ignacio Marques da Cunha, abastado capitalista d'esta cidade.

Encontra-se doente, aguardando o leite, a esposa do sr. Alfredo de Lima e Castro.

Com sua familia, partiu para a praia do Pharol, o sr. dr. José Rodrigues Soares, digno professor do lyceu d'esta cidade.

Regressaram de Valle da Mó, o sr. José Almeida dos Reis e das thermas de Cucos, o sr. Alberto Pinheiro Chaves.

De regresso da formosa estancia de Valle da Mó, chegou a esta cidade o nosso amigo sr. João Ferreira Felix, que veio muito bem impressionado com os pasatempos que alli se lhe proporcionaram em companhia de varios amigos, entre os quaes Antonio Rodrigues, Alfredo d'Oliveira, Jeremias Ferreira, etc., etc. Estimamos.

De Mondríz, regressou á sua casa de Aveiro, o sr. Duarte Ferreira Pinto Basto, digno administrador da fabrica de percellana da Vista Alegre.

Estiveram n'esta cidade, os srs. Manuel Marques da Silva Branco, negociante de madeiras, de Valle d'Ilhavo, e Manuel Marques d'Almeida Bastos, proprietario e capitalista de Ilhavo.

Com sua ex.<sup>ma</sup> esposa, a sr.<sup>a</sup> D. Adelaide de Rocha e filhas, partiu quinta-feira para a praia do Forte, o sr. João Marques da Cunha.

A fazer uso das aguas do mar, está com sua familia na praia do Pharol, o sr. Francisco Augusto da Silva Rocha, digno professor da escola industrial de desenho, «Fernando Caldeira».

Tem estado doente o sr. José Marques Ferreira, activo industrial residente em Lisboa.

Já se ach quasi restabelecido da queda que ha dias apanhou, o general reformado, sr. Constantino de Brito.

Encontra-se doente o sr. Henrique Ratto, habil artista d'esta cidade.

Seguiu para a Trofa, o sr. dr. Maximiano Augusto d'Oliveira Lemos, de Villa Nova de Gaya.

Partiu terça-feira para Pombal, os srs. José Ferreira Gonçalves e Delphin Pereira da Costa, do Porto.

**A QUESTÃO CLERICAL**

**As Congregações em França**

Eis os termos precisos da *Concordata*:

«O governo da Republica franceza reconhece que a religião catholica, apostolica e romana, é a religião da grande maioria dos cidadãos francezes.

Sua Santidade reconhece igualmente que essa mesma religião tem tirado, e espera ainda tirar n'este momento, o maior bem possivel, e o maior brilho, do estabelecimento do culto catholico em França, e da profissão que d'ella fazem os Consules da Republica.

Dado este reconhecimento mutuo, tanto para o bem da religião como da tranquillidade publica, concordam:

Art. 1.º—A religião catholica, apostolica e romana será livremente exercida em França. O seu culto será publico, conformando-se com os regulamentos de policia que o governo julgar necessários para a tranquillidade publica.

Art. 2.º—A Santa Sé, de accordo com o governo francez, procederá a uma nova circumscripção das dioceses francezas.

Art. 3.º—Sua Santidade declarará aos titulares dos bispados francezes que d'elles espera, com firme confiança, para bem da paz e da unidade, toda a especie de sacrificios, mesmo o das suas sés. Depois d'esta exhortação, se se recusarem ao sacrificio imposto pelo bem da Igreja (recusa que, todavia, Sua Santidade não espera) os bispados da nova circumscripção serão providos por novos bispados da maneira que se segue:

Art. 4.º—O primeiro Consul da Republica nomeará, nos tres mezes que se seguirem á publicação da bulla de Sua Santidade, os arcebispos e bispados da circumscripção nova. Sua Santidade confere a instituição canonica segundo as formas estabelecidas em relação á França, antes da mudança de Governo.

Art. 5.º—As nomeações dos bispados que vagarem de futuro serão igualmente feitas pelo primeiro Consul; e a Santa Sé confere a instituição canonica em conformidade com o artigo precedente.

Art. 6.º—Os bispados, antes d'entrarem no exercicio das suas funções, prestarão directamente, nas mãos do primeiro Consul, o juramento de fidelidade em uso antes da mudança do Governo, assim concebido:

«Juro e prometto a Deus, sobre os santos Evangelhos, guardar obediencia e fidelidade ao Governo estabelecido pela constituição da Republica franceza. Prometto tambem não ter nenhuma intelligencia, não assistir a nenhuma assembleia, não manter nenhuma liga, quer no interior, quer no exterior, contraria á tranquillidade publica; e se, na minha diocese ou fóra d'ella, souber que se trama alguma coisa em prejuizo do Estado, fa-lo-hei saber ao Governo.»

Art. 7.º—Os ecclesiasticos de segunda ordem prestarão o juramento entre as mãos das autoridades civis designadas pelo Governo.

Art. 8.º—Será recitado no fim do officio divino, em todas as egrejas catholicas de França, a oração seguinte:

*Domine, salvam fac Rempublicam Domine, salvos fac Consules.*

Art. 9.º—Os bispados farão uma nova circumscripção das parochias das suas dioceses, a qual não terá effeito senão depois da approvação do Governo.

Art. 10.º—Os bispados nomearão os parochos. A sua escolha, porém, só poderá recahir sobre individuos approvados pelo Governo.

Art. 11.º—Os bispados poderão ter um capitulo na sua cathedral, e um seminario para a sua diocese, sem que o Governo se obrigue a dota-los.

Art. 12.º—Todas as egrejas metropolitanas, cathedraes, parochias e outras não alienadas, necessarias ao culto, serão postas á disposição dos bispados.

Art. 13.º—Sua Santidade, para bem da paz e feliz restabelecimento da religião catholica, declara que nem elle, nem os seus successores, perturbarão de qualquer fórma os individuos que adquiriram os bens ecclesiasticos alienados, e que, por consequencia, a propriedade d'esses mesmos bens, direitos e rendas que lhes forem adherentes, ficarão incommutaveis nas suas mãos ou nas dos seus herdeiros.

Art. 14.º—O Governo assegurará uma pensão conveniente aos bispados e parochos cujas dioceses e parochias ficarem comprehendidas na circumscripção nova.

Art. 15.º—O governo tomará igualmente as medidas necessarias para que os catholicos possam, se quizerem, fazer donativos em favor das egrejas.

Art. 16.º—Sua Santidade reconhece no primeiro Consul da Republica franceza os mesmos direitos e prerogativas de que gosava junto d'ella o antigo Governo.

Art. 17.º—Accordam as partes contratantes em que no caso d'um dos successores do primeiro Consul não ser catholico, os direitos e as prerogativas mencionadas no artigo precedente, e a nomeação dos bispados, serão regulados, na parte que lhe disser respeito, por uma nova convenção.

As ratificações realizar-se-hão em Paris no espaço de quarenta dias.

Feita em Paris, a 26 de Messidor anno IX (15 de julho de 1801). Assignavam, do lado do Consul, José Bonaparte, Cretet e o abbade Bernier. Do lado do Papa o cardeal Consalvi, o arcebispo Spina e o padre Caselli.

A ratificação fez-se em 10 de setembro de 1801.

Ora eis ali a celebre *Concordata*, que muita gente não conhece. *Concordata* que foi alterada em 1813 e em 1817. Estas alterações, porém, não vingaram.

Mais importante do que a *Concordata*, pôde-se dizer, são os *Artigos Organicos*, publicados pelo primeiro Consul em 8 de agosto de 1802. São muito extensos, e muito numerosos,—77—por isso nos abstemos de os transcrever a todos. No entanto, para esclarecimento da questão do dia,—rompimento entre o governo francez e a Santa Sé,—transcreveremos alguns:

Art. 1.º—Nenhuma bulla, breve, rescripto, decreto, mandato, provisão, assignatura servindo de provisão, nem outras expedições da corte de Roma, mesmo que só digam respeito a particulares, poderão ser recebidas, publicadas, impressas, nem de qualquer fórma postas em execução, sem auctorisação do governo.

Basta este artigo, como se vê, para dar razão ao governo francez no conflicto travado. O papa não podia dar ordens nêhumas aos bispados sem conhecimento do governo.

E' clarissimo.

Art. 2.º—Nenhum individuo dizendo-se nuncio, legado, vigario ou commissario apostolico, ou prevalecendo se de qualquer outro titulo, poderá, sem a mesma auctorisação, exercer em solo francez nenhuma função relativa aos negocios da igreja gallicana.

Art. 20.º—Os bispados são obrigados a residir nas suas dioceses; não poderão sabir d'ellas senão com permissão do primeiro Consul.

Por este artigo se vê tambem que o governo andou legalmente retirando o ordenado ao bispo de Dijon, que foi a Roma sem sua licença.

Mas o assumpto é vasto. A elle voltaremos no proximo artigo.

**ANNUNCIOS**

**ALFAIATARIA**

**ALBANO** da Costa Pereira previne todos os seus amigos e freguezes de que acaba de mudar a sua officina de alfaiate da rua Direita para o Largo do Espirito Santo, n.º 68 a 70, onde espéra continuar a receber as suas estimadas ordens, para o que tem sempre um variado sortido de fazendas nacionaes e estrangeiras, que vende por preços convidativos.

**Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.**

Esta empresa previne os criadores de que recebe gado para açougue nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Venda de productos do matadouro de Lisboa, sangue secco e pulverisado para adubos (o mais rico em azote,) couros, sebo, e tripa a 200 reis o masso.

Rua da Boa Vista, 3 Lisboa

**PADARIA FERREIRA & MACEDO AOS ARCOS AVEIRO**

NESTE estabelecimento de padaria, especial no seu genero em pão de todas as qualidades, se encontra á venda:

Pão proprio para os diabéticos, pão torrado e ralado, café da 1.ª qualidade, a 720 reis cada kilo; dito de 2.ª, a 430; chá, desde 1500 a 3500 o kilo; massas alimenticias de 1.ª qualidade, a 140 o kilo; ditas de 2.ª, a 120; velas marca Sol, cada pacote, a 180; ditas marca Navio, a 170; bolachas e biscoitos, pelos preços das principaes fabricas da capital.

Vinhos finos e de meza, por preços modicos.

Todos estes generos se mandam a casa do consumidor á hora que o exigir.

**CASA**

VENDE-SE uma na rua de Jesus, em frente do sr. dr. Carvalho. Quem a pretender dirija-se a Joaquim Gafanhão, na Costeira.

José Monteiro Telles dos Santos J.



**DENTISTA MECANICO**

Coloca dentes e dentaduras artificiaes. Conserta qualquer dentadura partida, ou a que fôrta qualquer dente; obra em ouro, prata, platina, e a cimento, tudo por preços baratos. Não se recebe qualquer quantia fiança pelo trabalho imperfeito. RUA DA COSTEIRA (Em frente da Estação de JOSÉ ESTEVAM)

**EMPRESA CERAMICA**

DA

**FONTE NOVA**

DE

**Mello Guimarães & Irmãos AVEIRO**

FABRICA a vapor de telha do systema de Marseilha, feita pelos processos mais modernos e aperfeiçoados.

Encontra-se á venda n'esta fabrica grande quantidade de telha franceza e seus accessorios, e bem assim outros artigos para construcções, taes como: azulejos para revestimento de paredes de variados gostos, vasos para frontarias, siphões, balaustres, manilhas, etc., productos que rivalisam com os das principaes fabricas congeneres do paiz.

Tejolos de varias dimensões.

PREÇOS MODICOS

**ESTABELECIMENTO**

**DE MERCEARIA**

**E FERRAGENS**

— DE —

**ANTONIO FERREIRA FELIX, Filhos (Successores)**

NESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chacos de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, réde para vedações, alvaiades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.º 43 a 45—AVEIRO

**JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS**

SANGALHOS

VENDEM e trocam relógios de bolso e de salla. Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura «PFAFF», White e outros auctores.

Bicycletas «BRISTOL», «TRIUMPH», «OSMOND», «GUITYNER» e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

Alugam-se bicycletas

José Maria Simões & Filhos

ANADIA—SANGALHOS